

## **Jean-Claude Carrière e Milos Formam, Os Fantasmas de Goya, S.P., Cia das Letras, 2007.**

Um caso raro de literatura que brota do cinema, pois diretor e roteirista assinam o livro que leva o mesmo nome do filme original. Milos Formam (diretor de *Hair*, *Amadeus* e *Um Estranho no Ninho*) juntamente com Jean-Claude Carrière (roteirista de *O Discreto Charme da Burguesia*, dirigido por Luis Buñuel) retratam a Espanha napoleônica, sob o olhar de Goya. Não se trata de uma biografia do mestre espanhol, mas das desventuras do inquisidor Lorenzo Casamares, então acompanhadas pelo pintor oficial da Corte de Carlos IV (1789 – 1808), de José Bonaparte (1808-1814) e de Fernando VII (1814-1833).

O livro conduz o leitor a uma trama envolvente, cativante, com inesperadas reviravoltas que se assemelham a um modelo de telenovela, mas na verdade extremamente adequadas às súbitas mudanças da conjuntura política internacional no período agitado das guerras napoleônicas. Na Espanha, como em toda a Europa absolutista, cresce o número de adeptos do liberalismo e da Revolução Francesa. Os chamados “afrancesados” ou iluminados têm motivos de sobra para depositar na França suas esperanças de justiça: a servidão, as distinções de classe, o obscurantismo campeiam na Espanha católica, onde até a Inquisição retoma seus rituais de caça às bruxas, tão comuns no século da Contra-Reforma, duzentos anos antes. Na série de gravuras intitulada *Caprichos* (1799), Goya satiriza os costumes, as instituições e as superstições.

A decapitação do rei francês, primo de Carlos IV, o Terror e a violência dividem as opiniões, mas os mais entusiasmados se mantêm firmes nas esperanças de que até mesmo o fenômeno da ascensão de Napoleão Bonaparte possa desatar os laços que ainda prendem a nação à Idade Média. O imperador francês também parece se iludir com o apoio das classes inferiores à sua posição de libertador dos povos da Europa. De fato, ao tomar conta do território espanhol e colocar seu irmão no poder, uma das medidas mais bombásticas foi a extinção do Santo Ofício da Inquisição, não sem as disputadas sessões de julgamento e execução dos monges dominicanos, conhecidos como “cães do Senhor” (*domini canes*).

No entanto, Napoleão erra em seus cálculos e se vê lançado numa campanha sanguinária contra a resistência espanhola. Goya visita Saragoça após o cerco francês que matou 54 mil espanhóis naquela cidade. Daí nasce a série de gravuras *Desastres da Guerra*, mantida em segredo por muito tempo. Não é uma obra de heróis e vítimas, mas um testemunho da decadência do gênero humano.

Goya já vivia terríveis dores de uma doença talvez provocada pelos ácidos que utilizava nas gravuras. Perdeu parte da visão e atingiu a completa e irreversível surdez. Presenciou tumultos, conflitos e debates acalorados sem nada ouvir, apenas atento ao movimento das bocas, o que não lhe garantia a compreensão dos acontecimentos. Foi gradativamente levado a interiorizar as suas visões do conturbado período que viveu.

Com a queda dos dois Napoleões, Fernando VII retoma o poder e inicia um período de vingança e restauração dos velhos valores. Até mesmo a Inquisição foi reconstruída. Novos julgamentos públicos, seguidos de execuções exemplares, foram praticados, mas agora tendo os acusadores de outrora no banco dos réus e como juízes aqueles que sobreviveram às perseguições iluminadas.

Chama a atenção do leitor as armadilhas que nos pregam as ideologias. No primeiro período de recrudescimento da Inquisição, antes da invasão napoleônica, a defesa da fé é invocada como justificativa para combater as novidades satânicas de além-Pirineus: “como representantes de Deus e soldados de Cristo, é nosso dever combater essa pretensa filosofia, falsa e sacrílega que nos chega da França” diz um proeminente inquisidor (p 58). Nada pessoal, apenas uma necessidade dos tempos.

No segundo período de perseguições, prevalece o tribunal de José Napoleão, que invoca princípios iluministas para arrastar a julgamentos teatrais os monges dominicanos. Diz o

acusador: “não tenho nada de pessoal contra o senhor, padre, no entanto o senhor é a encarnação do obscurantismo, instrumento da mais dura opressão, o que há de pior na Espanha” (p 186). Ao final, nos tribunais da restauração absolutista de Fernando VII, que fechou teatros, universidades e a imprensa, um dominicano assim alinha seus argumentos de acusação contra os colaboradores da invasão francesa: “você deve entender – disse dirigindo-se ao colaboracionista - que nenhuma questão pessoal deve intervir nesta decisão. Você representa aos olhos de Deus a própria personificação de todos os erros perniciosos dos tempos que atravessamos” (p 298). Interessante observar que Milos Forman, o diretor-escritor, viveu trocas de sinais ideológicos na sua pátria, a Tchecoslováquia, ocupada sucessivamente pelo nazismo e pelo comunismo soviético.

João Pedro Ricaldes dos Santos 31/07/2007

*Arte & Literatura – Excerto*

**Carrier, Jean-Claude e Forman, Milos. Os Fantasmas de Goya, Companhia das Letras, 2006.**

**Páginas 76-80 ( A tortura de Inês na Santa Inquisição Espanhola)**

Inês agora tem de provar que disse a verdade. Tiraram as suas roupas de cidade, sua capa, sapatos e meias. Está com uma espécie de túnica azul de prisioneira, grande demais para ela, bastante puída. Guiada por dois monges encapuzados, entra numa sala em abóbada, ainda mais escura que aquela onde a interrogaram.

Lá estão dois homens plácidos, de rostos descobertos, braços fortes e cabeludos, que não são monges. Pelo menos não usam hábito. À sua frente, uma corda pendurada do teto. O escrivão vem atrás, com seu material, e se instala como pode, soprando nos dedos. Trouxe consigo a mesinha. Depois retrocede um instante pelo corredor e volta com o tinteiro e as penas de ganso. Verifica tudo. A mesa não está firme, isso o irrita. Dobra então uma folha de papel em oito e a mete embaixo de um dos pés. Melhora, mas não fica perfeita.

Para Inês, o tempo da surpresa e da curiosidade já passou. Ela agora treme de frio, e também de medo. A Inquisição. Sim, ela está mesmo aqui. Não se trata mais de histórias, de lendas. Aqui a verdade se revela no sofrimento. Inês ainda não pode acreditar.

Os dois monges que a escoltam arrancam bruscamente sua bata rústica. De repente está nua. Sua pele branca parece frágil. Sem gritar, ela põe as mãos na frente do corpo, sobre a barriga, sobre o sexo. Curva as costas, aperta as pernas. Os cinco homens à sua volta a observam, mas com olhos que parecem distraídos, distantes. Devem ter recebido instruções, sabem amortecer o olhar. Se esse corpo nu de moça nunca visto por homem algum os surpreende, agrada ou atrai, nada demonstram. Fazem apenas o seu trabalho. Um dos interrogadores pergunta a Inês, mais uma vez, se ela disse a verdade e se está disposta a provar isso. Ela abaixa a cabeça.

"Sim", murmura.

"Então vamos ver", diz o monge.

Faz um sinal aos dois assistentes e estes, com destreza, sem esforço, põem os braços de Inês atrás das costas e, com a ponta da corda, amarram os seus pulsos. As duas mãos atadas ficam assim no nível dos rins.

"Vamos ver", repete o monge.

No meio da sala, a corda passa por uma polia presa na abóbada. O monge faz um gesto para os dois homens encarregados, que deveriam ser chamados, mais adequadamente, de carrascos. Eles puxam a corda, a princípio com suavidade. As mãos de Inês sobem ao longo das costas, ela sente dor, protesta, mas as pontas dos seus pés ainda tocam no chão. Ouve mais uma pergunta e responde:

"Eu jurei pelo corpo de Cristo!", diz ela. "Pelo corpo de Cristo! Juro que não menti! Por que mentira? Para esconder o quê? Por quê? Digam-me!"

Os dois homens, obedecendo a outro sinal dos monges, puxam mais a corda. O corpo de Inés se curva, como um arco. Seus pés perderam contato com o chão. Ela tem dificuldade para respirar, começa a chorar. O escrivão, indiferente, vez por outra molha a ponta da pena e escreve sem parar.

"Você respondeu", diz a voz do monge, a mesma voz que a interrogava na outra sala, "que não comeu porco porque não gosta."

"Sim!"

"Não temos certeza de que seja verdade."

"Mas é! É verdade! Não gosto de porco! Não como nunca!"

"Pensamos que há outro motivo."

"Que outro motivo? Qual?"

"A verdadeira razão para você não comer porco não é essa que diz."

"E qual é?"

"Você na verdade é uma judaizante."

"Uma o quê?" O monge, sempre encapuzado, repete a palavra, que ela não conhece, e depois leva algum tempo explicando-lhe do que se trata.

É totalmente possível, diz ele, e infelizmente acontece com muita frequência, que seres humanos, cuja fraqueza natural é conhecida, se aferrem com ferocidade aos próprios erros, por mais que os bons pastores tenham tentado mil vezes levá-los para o caminho da verdadeira luz. Sim, a escuridão é forte, é sedutora, atrai com uma força incrível, e conhecemos indivíduos - diz o monge - que insistem clandestinamente no seu falso caminho, continuam se prosternando várias vezes por dia em direção a Meca para murmurar suas preces absurdas, ou praticam em segredo os rituais judaicos. Satanás está por trás dessas transgressões, de todos esses crimes. E cada um dos nossos erros o deixa feliz.

"Você quer deixar Satanás feliz?", indaga o monge.

Inés não responde a essa pergunta, que talvez não tenha entendido. O que tem a ver Satanás com tudo isso? Ela está sofrendo horrivelmente. Todos os músculos, todos os tendões das suas costas parecem prestes a se rasgar. Quando o monge, numa voz calma e regular, repete que ela pratica secretamente os rituais da religião judaica e que, por sorte, uma vez alguém notou num lugar público que ela se abstinha de comer porco, Inés só pode gritar: "Não! Não é verdade! Não! Não é verdade!". O monge insiste, duas, três vezes. Ela persiste. O corpo nu da jovem parece quase partido em dois. Sua cabeça cai para a frente e sua voz fica abafada.

"Vamos", diz o interrogador, "confesse logo o que tem para confessar. Confesse."

"Mas o quê?", pergunta ela, ainda numa voz que quase não se ouve.

"O que quer que eu confesse? O quê?"

"A verdade, só isso."

"Mas me diga qual é a verdade!"

"Você a conhece."

"Não! Não, eu não sei! Não entendo! Diga logo o que vocês querem que eu diga!"

(....)

Inés está sozinha numa cela estreita. Com sua túnica azul, meias furadas nos pés e as costas envoltas num xale de lã, está sentada numa cama de madeira, com as pernas balançando e o olhar perdido. Faz quase um mês que está presa ali. Na parede há um crucifixo, imagem universal da dor e da morte. No chão, uma moringa de água, um copinho de cerâmica, um balde com tampa, um pouco de palha. Numa mesa minúscula, alguns livros religiosos. Ela ouve ferrolho sendo puxado, vê a porta se abrir. Entra um monge, com o rosto descoberto. Fecha a porta atrás de si e pergunta à jovem se ela é Inés Bilbatua. Inés baixa a cabeça. Sim, é ela mesma.

"Não precisa ter medo", diz Lorenzo, que está frente a frente com ela pela primeira vez. "Vim ver se posso ajudá-la, de alguma maneira."

"Pode sim", diz ela. "É claro que pode. Com certeza."

Ele sorri. Nada nesse homem demonstra hostilidade, nem mesmo dureza. Desde que entrou na sede do Santo Ofício é a primeira vez que Inés vê um rosto sorridente, atencioso, um indivíduo que parece interessar-se por ela e querer ajudá-la. Ele conquista sua confiança na mesma hora.

"O que posso fazer por você?", pergunta.

"Gostaria de voltar para a minha casa."

"Entendo", diz ele. "Entendo muito bem. E certamente voltará."

"Quando?"

"Não sou eu quem decide isso. Sinto muito, mas aqui temos regras muito precisas."

"Mas eu confessei!", diz ela. "Eu confessei! Fiz o que me pediram!"

"Justamente", diz Lorenzo.

"O quê, justamente? O que quer dizer? Que é pecado?"

"Qual pecado?"

"Quando se confessa uma coisa que não é verdadeira, isso é pecado?"

Lorenzo parece não entender exatamente o que ela quer dizer. Pede que seja mais clara. Ela se esforça:

"Quando se confessa uma mentira, algo que não é verdade, é pecado?"

"Por exemplo? O que você confessou?"

"Tudo o que eles quiseram!"

"Mas, o quê?"

"Nem sei mais! Já passou muito tempo ... Doía tanto ... Nem sei o que disse ... Era alguma coisa sobre carne de porco ..."

"Então, você acha que mentiu?"

"Tenho certeza."

Encantador, tranqüilo e persuasivo com a maior parte dos homens, Lorenzo não se sente muito à vontade com as mulheres, que conhece pouco. Acha que são complicadas, escorregadias. Certamente as teme. No colégio, elas eram apresentadas como as portas do pecado, a perdição do homem. Os textos antigos diziam claramente: foi Eva quem se deixou tentar antes pelo diabo e arrastou Adão para o exílio, a infelicidade e a morte. (...)

"É pecado?"

Ele sabe que não pode ficar sem dizer nada. Não foi ele quem instruiu esse caso, não foi ele quem organizou a vigilância na taberna de dona Julia. Dera apenas as instruções gerais. Outros se encarregaram dos detalhes. Mas não revela nada disso à jovem que lhe está fazendo súplicas. Para quê? Ele não tem nada por que censurar, nem em relação aos seus irmãos, nem em relação a Deus. Agiu pelo bem de todos. E não pode se permitir nenhuma medida de favorecimento.

Inés lhe diz, várias vezes, que quer voltar para casa agora, que não fez nada, que não gosta de carne de porco, que desconhece completamente os rituais judaicos, que confessou o que quiseram para não sofrer mais.

"Posso transmitir uma mensagem à sua família", diz ele.

"Ah, sim!"

"O que quer que lhes diga?"

"Que eu os amo. Por favor, diga que eu os amo, meu pai, minha mãe, meus irmãos, que amo a todos, que não fiz nada de errado, que quero vê-los logo ..."

"Vou dizer isso a eles."

"Não quero que pensem que eu possa ter feito alguma coisa errada. Diga exatamente isso. Exatamente isso. Que sou a filha deles. Que vou voltar para casa. Que devem me esperar."

Fecha os olhos e junta as mãos para dizer:

"O tempo todo, dez, vinte vezes por dia, cem vezes, eu fecho os olhos e rezo. Rezo pedindo ao Senhor que me traga a mi nha mãe, meu pai, meus irmãos, ali, à minha frente, quando eu abrir os olhos ..."

"Quer que eu reze com você?"

"Sim. Ah, sim, obrigada."

Então se joga aos pés de Lorenzo e os prende entre os braços. O religioso está embaraçado com aquele corpo e não sabe o que fazer. Segura a cabeça de Inés com as duas mãos e lhe pede que se levante. Ela continua a apertar as pernas do monge entre seus braços. Seu xale de lã escorregou para o chão. Talvez tenha, por um momento, perdido a razão.

Lorenzo, suavemente, acaricia o cabelo de Inés, dizendo-lhe que não chore, que tudo vai se ajeitar, que ele cuidará disso.

Frases banais, sem o menor efeito, mas ele não encontra outras, nunca se viu numa situação semelhante.

Inés ergue os olhos em sua direção. Ele vê lágrimas. Pela primeira vez na vida, vê uma jovem chorar ao seu lado. Ela está perturbada, não consegue se acalmar, nem raciocinar. É inútil tentar falar com ela: não ouviria nada. Brutalmente, uma imagem sacode Lorenzo, a imagem de uma mulher muito maquiada que o arrasta pela noite em direção ao som de um rio, cantarolando uma canção de amor. Afasta essa imagem, ela volta, afasta-a de novo. Inés chora e se lamuria, apertada contra ele.

Com voz não muito firme, Lorenzo começa a rezar:

"Gloria in excelsis Deo ... "

São palavras que ela conhece. Ela continua:

" ... et in terra pax hominibus ... "

Glória a Deus nas alturas. E paz na terra aos homens ... u ... bonae voluniatibus", dizem juntos.

Paz na terra aos homens de boa vontade. Paz na terra.

As mãos de Lorenzo descem até os ombros de Inés e os apertam. Puxa a jovem para si, ela não resiste e até se senta no seu colo. Não está mais sozinha. Agora se aperta contra ele, procurando um apoio, e passa os braços em volta do seu pescoço, por baixo da grande gola branca do hábito. Continuam a oração a duas vozes, por mais algum tempo.

### **Páginas 164-175 (Invasão napoleônica, resistência espanhola e a destruição da Inquisição)**

Napoleão não conhecia a Espanha e menos ainda os espanhóis. Talvez confundisse o povo com os dois indivíduos, o rei Carlos IV e seu filho Ferdinando, com quem esteve nos arredores de Baiona. Seja como for, não os levou em consideração. Embalado pelo sucesso, brincando de marionetes com os reis da Espanha - que, como diz também Chateaubriand, a um gesto dele "iam e se jogavam pela janela"-, às vésperas de se casar com a filha do imperador da Áustria - que escolheu entre outras princesas e sem considerar a força dos povos, só a dos exércitos -, espírito rápido e cheio de preocupações, prestou uma atenção apenas superficial, e no fundo irritada, às recomendações enviadas por seu irmão, que sentia no ar uma revolta geral em gestação e só queria, além do mais, voltar para Nápoles.

Na verdade, depois das execuções de maio ninguém havia ganhado a Espanha, como Murat anunciou, e sim perdido. O país inteiro, até as ilhas Baleares, preparava-se para resistir. Viu-se até o alcaide de uma aldeia, Mostolés, situada a oeste de Madri, declarar a guerra diretamente a Napoleão. Oficiais espanhóis, suspeitos de cumplicidade com os franceses, foram assassinados por seus homens.

Tudo explodiu em Saragoça, a capital da província de Aragão, que se levantou sob o comando de um grande chefe de guerra, o duque de Palafox, que prometeu aos franceses, como na famosa fórmula, guerra y cuchillo (guerra e cutelo). Os exércitos franceses sitiaram a cidade duas vezes. O primeiro sítio, após uma resistência muito dura, foi levantado pelo próprio José Bonaparte, que, diante do elevado número de mortos (dos dois lados), retirou a maior parte das tropas. Ele não gostava daquela guerra e fazia todo o possível para interrompê-la, para torná-la inócua.

A cidade teve alguns meses de trégua. Goya foi então visitá-la. Era a cidade da sua juventude. Ele a conhecia bem, havia pintado afrescos ali, no teto da catedral. Horrorizado com o que viu (ruínas e mortos), começou a desenhar, em cadernos de esboços, o que iria tornar-se, pouco a pouco, *Os desastres da guerra*, o catálogo mais cru, mais exato, que um homem já concebeu e realizou sobre a paixão pela atrocidade que nos habita. Deixou a cidade antes do reinício das batalhas, passou rapidamente por sua aldeia natal, Fuendetodos, e voltou a Madri.

O segundo sítio de Saragoça, que durou dois meses, é inesquecível para a memória espanhola. É um episódio marcante da história das resistências heróicas. Os soldados franceses acreditavam, como Napoleão dissera, que seriam recebidos como libertadores, mas tiveram que lutar rua por rua, casa por casa, atirando em mulheres e crianças. Uma certa Agustina Zaragoza ficou famosa para sempre. Ela trazia os víveres para os canhoneiros e, quando estes foram todos abatidos (seu amante, parece, era um deles), encarregou-se sozinha da peça e continuou atirando. O general Lannes escreveu a Napoleão que nunca houve uma resistência tão furiosa de um povo em guerra. Viram-se doentes e feridos pulando pelas janelas de um hospital em chamas para serem empalados nas baionetas francesas. Viram-se loucos, libertos dos asilos, correndo pelas ruas e cantando canções. Contaram-se cinquenta e quatro mil mortos entre os habitantes da cidade, que ao final se transformara num espetáculo de escombros e cadáveres.

Palafox, ferido, ficou preso durante quatro anos (Goya pintaria seu retrato eqüestre, mais tarde, mostrando ao longe uma cidade em chamas).

Enquanto várias delegações secretas chegavam à Inglaterra para pedir uma ajuda direta, após a trágica queda de Saragoça, a guerra parecia amainar por um tempo. Oficialmente, a França tinha vencido. Napoleão veio pessoalmente a Madri, para confirmar a vitória com sua presença, como um animal marca o seu território.

Ficou apenas um dia, o que por certo lhe pareceu suficiente. Ainda havia escaramuças entre soldados franceses e grupos de resistentes espanhóis, aqui e ali, até em Madri. A Inquisição foi abolida por decreto, em nome da liberdade de pensamento, sob os aplausos dos ilustrados. Soldados franceses irromperam à força no velho mosteiro. Um dos oficiais entrou na capela sem saltar do cavalo, interrompeu um culto e, com um tiro de pistola, matou um dos dominicanos que estava lendo o Evangelho do dia e que, obedecendo a uma discreta indicação do padre Gregorio, se recusou a interromper. O confessor quase não teve tempo de fazer o sinal da cruz sobre o rosto do monge que estava morrendo ao pé do altar.

O oficial perguntou se era ele, Gregorio Altatorre, o responsável pelo lugar. O inquisidor respondeu calmamente, em voz baixa, ajoelhado junto ao monge morto, que ali o responsável era Deus, como em qualquer outro lugar sagrado na Terra.

O oficial, sem descer do cavalo, disse que por ordem do imperador Napoleão, e em virtude da Declaração dos Direitos do Homem, a Inquisição estava abolida em todo o território espanhol e seu patrimônio confiscado em benefício do povo.

Depois, no mesmo dia, todos os dominicanos foram conduzidos, a pé, para uma prisão em Madri, onde iriam esperar o julgamento. Só levavam consigo, em sacos ou caixas, algumas roupas, um barbeador e um par de sandálias. Todos os livros religiosos, todos os símbolos sagrados estavam estritamente proibidos. Os objetos de culto foram confiscados, exceto aqueles que, por precaução, haviam sido emparedados nos subterrâneos do convento.

Os soldados fizeram pilhas de livros, que tentaram queimar. Mas os livros não queimam bem, religiosos ou não. Por falta de tempo, acabaram ficando ali, no meio do claustro, enegrecidos pelas chamas, deformados, ainda fumegantes.

Os prisioneiros da Inquisição foram libertados. Eram pouco numerosos, apenas quinze, aqueles que ainda esperavam o julgamento ou cumpriam sua pena. Foram recebidos lá fora por parentes e amigos, que haviam trazido cobertores, roupa quente, meias, tamancos, luvas e garrafões cheios de água ou leite.

Inés foi uma das últimas a sair. Mais de quinze anos haviam passado desde o dia em que um monge calvo levou uma intimação, escrita num pergaminho, ao pátio da mansão.

Ninguém a esperava. Saiu sozinha e apavorada, caminhando com passos curtos, sem saber para onde ir. Piscou ao rever a luz, tal como os outros prisioneiros que se afastavam com suas famílias. Não conseguia entender quem eram aqueles soldados, o motivo dos tiros que se ouviam ao longe, daqueles cavalos que passavam a galope, dos homens armados que berravam. Sua boca estava torta para um lado, sua pele, murcha e marcada pela varíola. Não tinha mais dentes. Seu cabelo grisalho estava colado na pele ela exalava um fedor de sujeira. Suas pernas, magras, sujas, descobertas até os joelhos, mostravam marcas de equimoses. Não era possível calcular sua idade.

(...)

A alguma distância de sua nova casa, Goya manteve um de seus antigos ateliês. Trabalha lá de noite, quando está atrasado ou quando tem necessidade de solidão e discrição. Seus assistentes já voltaram para casa. Está sozinho. Seu cachorro se levanta e abre a boca. Goya percebe esse movimento. Não ouve os latidos, mas vê o cachorro se encaminhando para a porta. Se alguém grita, ou bate na porta, ele não ouve.

Chama o cachorro, que volta, deita-se de novo, depois se levanta e vai para a porta outra vez, ainda latindo. Então Goya abre uma gaveta, pega uma pistola, destrava, vai até a porta e a empurra com a mão esquerda.

Divisa ali uma forma humana, que a princípio não consegue identificar. Abaixa a cabeça, com todas as velas. Vê uma mulher malvestida. Se ela diz alguma coisa, não ouve. Deixando a porta entreaberta, dá alguns passos, apanha uma moeda numa caixinha de ferro e volta à porta. Entrega a moeda a Inés, que tomou por uma mendiga, e que simplesmente se havia arrastado até aquele lugar porque o conhecia desde que fora posar lá, no passado.

Ela olha a moeda, sem entender. Fala, mas não lhe respondem.

Goya, que não a reconheceu, pega sua mão, põe nela a moeda com firmeza e torna a fechar a porta. Volta para o trabalho, acalmando o cachorro no caminho. Mas o animal não se acalma. Avança de novo até a porta e late.

Irritado, Goya manda que se cale. Inútil. Dá uma meia-volta então para abrir a porta. Inés continua ali, na penumbra. Diz a ela, com a voz e um gesto, que vá embora. Já lhe deu dinheiro: o que quer mais? Como ela não sai, o artista fala mais alto: vá embora! Ela então lhe diz, tocando no próprio peito, que é Inés, Inés Bilbatua. Repete várias vezes seu nome. Ele vê o movimento dos lábios e grita:

"Não escuto nada! Sou surdo! Vá embora!"

Ela também grita, diz que se chama Inés, Inés Bilbatua. Vendo que o outro ainda não a entende, articula bem os sons, abre a boca deformada o máximo que pode. Ele pede que repita o que acaba de dizer e se inclina para iluminar sua boca com as velas.

Lê seus lábios, afinal entende e pergunta:

"Inés?"

"Sim", diz ela, balançando a cabeça várias vezes. "Inés. Sou eu."

Com a mão, ele afasta o cabelo colado em uma parte do seu rosto, depois observa de perto e a reconhece.

Então se afasta da porta para deixá-la entrar. Quando passa ao seu lado, ela diz, com palavras desconstruídas, que seu pai morreu, que seu irmão morreu, que ela está com medo, que está sozinha. Goya não ouve uma palavra. Fala também do seu bebê, pergunta onde está seu bebê. O cachorro ainda late um pouco. Goya fecha a porta, e por fim consegue acalmá-la. O animal volta a se deitar, a contragosto.

Goya pergunta a Inés se ela o ouve bem, se entende o que ele diz. Basta balançar a cabeça, sem falar nada, vai ser suficiente. Ela balança a cabeça. Goya repete então que é inútil falar com ele, porque não ouve há muitos anos. Ela tem que escrever tudo, numa folha de papel que ele lhe entrega junto com um lápis.

"Escreva. Aqui."

Inés se senta diante da mesa que Goya desembaraça para ela. Deixa o papel ao lado de uma vela, põe o lápis na sua mão direita. Escrever? Ela bem que gostaria. Mas suas mãos estão rígidas, sem forças. Não escreve há muito tempo.

"Não há pressa", diz Goya. "Escreva tudo o que quiser me dizer. Não há outra saída, eu não ouço nada."

Enquanto a moça começa a traçar uns sinais trêmulos no papel, ele pergunta se está com fome, ou com sede. Ela ergue os olhos, parando de escrever, e o encara. Goya repete a pergunta, e dessa vez obtém uma resposta: sim, está com fome. Ela abaixa a cabeça para dizer que está com fome.

Goya tem sempre algum alimento por ali, presunto, queijo, azeitonas, um naco de pão duro. Traz tudo isso, e até um copo de vinho. Inés não bebe vinho há quinze anos. Avança primeiro sobre o queijo, que come vorazmente.

"Devagar", diz Goya, "coma devagar."

Ela não ouve e bebe a metade do copo de vinho. Depois volta a escrever, mais rápido que antes. Entrega a folha a Goya, que lê em voz alta:

"Meu pai morreu, meu irmão morreu, onde está minha mãe? Onde está o meu bebê?"

Ele pergunta:

"Seu pai está morto?"

Ela abaixa a cabeça. Goya fica espantado com a morte de Tomás. É triste. Não tem coragem de dizer a Inés que sua mãe também está morta, tal como Álvaro, desaparecido no mar. Não sabe o que perguntar: de onde ela veio, como é que seu pai e seu irmão estão mortos. Parece frágil, sem forças, com a mente confusa. Escreve algumas palavras, depois pára, come, acaba o copo de vinho, depois escreve mais, quer água, dá a impressão de que beberia, comeria qualquer coisa.

Goya a aconselha a não engolir tão depressa o presunto e as azeitonas. Lê o que ela acaba de escrever: a "eles me suspenderam três vezes, eu confessei, então disseram que sou uma herege ...".

Olha para Goya e pergunta (mas ele não ouve) o que é uma herege. Ele continua a fazer perguntas que Inés não responde, até que de repente se apodera da folha de papel e escreve: "Onde está o meu bebê?".

Ele pergunta:

"Que bebê?"

Ela responde, batendo na barriga:

"Meu bebê!"

"Você teve um bebê?"

"Eu tenho um bebê."

"Calma, Inés, calma. Um bebê, mesmo? Você teve um bebê na prisão?"

"Sim! Onde está o meu bebê? Quero ver meu bebê! Onde ele está?"

O pintor está um pouco perdido. Sua surdez o atrapalha. Inés fala e age com total incoerência. Ela continua avançando na comida, está esfomeada, cospe os caroços de azeitona no chão e só fala do bebê. Pronuncia esta palavra umas cinqüenta vezes. Goya lhe pergunta quem é o pai da criança. Ela responde: um monge. Que monge? Ela nunca soube o nome. Um monge. Ele pensa logo em Lorenzo, mas este desapareceu há mais de quinze anos. Não pode ser o pai de um bebê.

Goya pergunta a Inés se tudo o que ela acaba de dizer é verdade.

"Sim", diz ela, baixando várias vezes a cabeça. "Sim, é verdade."

"Você está disposta a jurar? A jurar por Deus que é verdade?" Ela jura.